

Pobres de Jesus Cristo

Sacramento da Penitência

Sacramento da Cura



Apresentação

“Eterna é a sua misericórdia” (Sl 107,1).

Sim! Eterna é a misericórdia do nosso Deus, assim como todos os seus atributos. Entretanto, é preciso que nos disponhamos querê-la e buscá-la. Se não o fizermos, seremos semelhantes a um homem que mesmo sabendo onde encontrar água no deserto prefere morrer de sede a se dispor em buscá-la.

Sabemos que o pecado nos priva da comunhão com Deus nos tornando incapazes da Vida Eterna (pecado mortal) e acarreta um apego prejudicial às criaturas que exige purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado chamado purgatório (pecado venial).

Por mais que os pecados veniais ofendam a Deus e ao próximo, não têm o poder de destruir a nossa amizade com Deus e nos levar a morte eterna; “Toda iniquidade é pecado, mas há pecado que não leva à morte” (1Jo 5,17). O mesmo, porém não se pode afirmar dos pecados mortais. Estes rompem nossa amizade com Deus e sem arrependimento nos leva a morte eterna; “Há pecado que leva à morte” (1Jo 5,16b). Disso já nos exortava o Papa Bento XVI; “Os pecados que cometemos nos distanciam de Deus e se não confessados humildemente confiando na misericórdia divina chegam até mesmo a produzir a morte da alma” (Ângelus 15.02.09).

É sobre a importância, a necessidade e a urgência desse Sacramento em nossas vidas que esse opúsculo foi escrito.

De forma didática e profunda Ir. Hariel nos expõe aquelas verdades fundamentais sobre o Sacramento da Penitência. Sua explanação vai desde os elementos essenciais que estão presentes em todos os Sacramentos, até aqueles elementos que são importantíssimos conhecer para que de fato se faça uma verdadeira e contrita confissão.

Obrigado Ir. Hariel por ter se disposto a nos presentear com tão valioso instrumento de santificação.

Rogo ao bom e misericordioso Deus que possamos afluir a essa fonte inesgotável de graça pela qual nos diz o Ritual da Penitência “o Pai acolhe o seu filho que regressa, Cristo coloca sobre os ombros a ovelha perdida reconduzindo-a ao redil, o Espírito Santo santifica de novo seu templo” (p.7).

“Por Cristo vos suplicamos: Deixai-vos reconciliar com Deus” (2Cor 5,20).

Vosso pai e fundador,
Pe. Gilson Sobreiro, pjc

Sacramento da Penitência – Sacramento de Cura

“Soprou sobre eles dizendo: 'Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos’” (Jo 20, 22-23).

Vamos refletir neste escrito alguns aspectos acerca do Sacramento da Penitência ou também chamado de “Confissão”. Veremos a sua importância, implicações, modos de se fazer e suas principais consequências em nossas vidas. Ao falarmos de “Confissão” é sempre necessário que identifiquemos dois aspectos que estão presente em todos os Sacramentos da Igreja: A forma e a matéria, que são elementos essenciais para a realização dos mesmos. Podemos dizer que seria a definição “do que se é feito e como se é feito”. No Sacramento da Penitência a forma consiste nas palavras de absolvição do Sacerdote e a matéria, os nossos pecados. Assim como na Eucaristia a matéria (pão e vinho) são transubstanciados em Corpo e Sangue de Cristo pela forma (palavras do sacerdote), também nossos pecados são perdoados pela sentença misericordiosa do Cristo que age através de seu ministro.

A Matéria:

Se a matéria de nossa confissão é nosso pecado, vamos nos demorar um pouco refletindo sobre os tipos de pecado e suas consequências. De modo geral há dois tipos de pecado: pecado mortal e pecado venial. Muitas vezes temos a tendência de simplesmente fazermos duas listas para diferenciar esses dois tipos de pecado, assim nossa classificação seria no mínimo muito superficial, se não até errônea. Vejamos o caracteriza cada um deles antes de começarmos a taxar como “pecado mortal” ou “pecado venial”.

Definição dos pecados:

Pecado venial: “Comete-se um pecado venial quando não se observa, em matéria leve, a medida prescrita pela lei moral, ou então quando não se desobedece à lei moral em matéria grave, mas sem pleno conhecimento ou sem pleno consentimento”. (CIC 1862). O pecado venial tem como principal característica que não rompe nossa união com a vida de Deus, ou seja, não nos priva da graça santificante. As suas consequências são o enfraquecimento da vontade, leva a uma tendência às coisas criadas e atrasa a alma no exercício das virtudes e do bem moral, merecendo assim penas temporais, mas não a privação total da graça de Deus. (cf. CIC 1863).

Pecado mortal: O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, como o próprio amor. Acarreta a perda da caridade e a privação da graça santificante, isto é, do estado de graça. Se este estado não for recuperado mediante o arrependimento e o perdão de Deus, causa a exclusão do Reino de Cristo e a morte eterna no inferno, já que nossa liberdade tem o poder de fazer opções para sempre, sem regresso. (CIC 1861). O pecado mortal destrói a caridade no coração do homem por uma infração grave da lei de Deus; desvia o homem de Deus que é seu fim último e sua bem-aventurança, preferindo um bem inferior. O pecado mortal, atacando em nós o princípio vital, que é a caridade, exige uma nova iniciativa da misericórdia de Deus e uma conversão do coração, que se realiza mediante o Sacramento da Penitência. (cf. CIC 1855/6).

É importante ressaltar algumas condições acerca dos pecados mortais. Para que um pecado seja mortal requerem-se três condições ao mesmo tempo: “É pecado mortal todo pecado que tem como objeto uma matéria grave, e que é cometido com plena consciência e deliberadamente”. (cf. CIC 1857). O pecado apresenta uma mudança de gravidade em razão das circunstâncias e das pessoas envolvidas, por exemplo: A violência exercida contra os pais é em si mais grave que contra um estranho.

Temos ainda que levantar uma questão que tem sido tratada de forma muito superficial ou até deixada de lado nos últimos tempos, que é a existência do inferno. “Morrer em pecado mortal sem ter-se arrependido dele e sem acolher o amor misericordioso de Deus significa ficar separado do Todo-Poderoso para sempre, por nossa própria opção livre. E é este estado de auto exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa com a palavra inferno”. (CIC 1033).

Chegamos a um ponto que determina muitas coisas, pois conscientes da gravidade dos nossos pecados é preciso que haja o arrependimento, e isso não é alcançado por todos. O arrependimento é uma dor na alma por ter cometido um ato que ofenda a Deus e é imprescindível para que possa haver o perdão dos nossos pecados. O arrependimento é em si uma graça de Deus movida pelo Espírito Santo: “E quando Ele (O Paráclito) vier, estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento”. (cf. Jo 16,8). O Catecismo da Igreja nos fala de dois modos de arrependimentos, que classificamos a princípio como imperfeito e perfeito. Podemos dizer que o modo imperfeito de se arrepender seria quando uma pessoa, consciente de sua culpa, volta atrás em seus atos com medo das penas temporais ou eternas que seu pecado pode acarretar, por medo do inferno deixa-se de pecar e voltando à comunhão através do Sacramento da Penitência caminha para a perfeição que é o amor. O segundo modo de se arrepender é imediatamente guiado pelo amor a

Deus, ou seja, o pecador sente uma profunda contrição pelos atos, não por medo das penas, mas por ter ofendido a Deus a quem ama sobre todas as coisas. O objeto principal é o amor a Deus e uma dor de ofendê-lo, pois o reconhece como sumo bem.

Quando relutamos em não nos arrependermos de nossos pecados, geralmente chegamos ao ressentimento, e o que fazemos é substituir este sentimento por desculpas, assim culparemos as circunstâncias, as limitações, a hereditariedade, o ambiente e por último o próprio Deus que criou tudo isso. Podemos refletir sobre este recurso ao estudarmos as atitudes do personagem bíblico “Caim” que matou seu irmão quando foi interrogado por Deus, tema abordado pelo escritor Scott Hahn em seu livro “Senhor, tem piedade de mim”.

“Pensem apenas no descendente imediato dos nossos primeiros pais: Caim, o filho primogênito.

Roído de inveja, Caim comete o primeiro assassinato do mundo. Logo que mata o seu irmão Abel, Deus diz-lhe: Onde está o teu irmão Abel? (Gên 4, 9).

Uma vez mais, Deus não procura nenhuma informação, não precisa que O informem de onde está Abel. O que faz é dar a Caim a oportunidade de confessar o seu pecado. Mas Caim, em vez de aceitar o oferecimento, mente. Onde está o seu irmão? Não sei. Porventura sou eu o guarda do meu irmão?

Mais uma vez, Deus não acusa Caim, mas convida-o a confessar o que fez, até mesmo manifestando-lhe a evidência do seu crime: Que fizeste? Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim da terra (Gên 4,10).

Não obstante, até o fim do episódio Caim continua impenitente e o seu pecado, inconfessado. Em vez de confessar que fez de Abel uma vítima, acusa Deus de fazer dele, Caim, uma vítima! Quando se queixa: O meu castigo é demais grande para que eu possa suportar (Gên 4, 13), não diz apenas: “Ai de mim!”, mas diz a Deus, seu juiz: “O injusto és Tu”, Ao invés de reconhecer a sua injustiça, acusa a Deus de injustiça; a seguir, passa a censurá-lo por ter-lhe arrebatado a sua alegria e o seu meio de vida: Eis que me expulsas deste lugar e eu devo ocultar-me longe da tua face (Gên 4, 14). E chega ao ponto de acusar a Deus de entregá-lo a um mundo cheio de assassinos: Andarei fugitivo e errante pela terra e o primeiro que me encontrar matar-me-á (Gên 4, 14)”.

O sentimento que deve reinar é a contrição e não a justificação. É natural do homem não querer que suas fraquezas sejam expostas, ninguém gosta de ser flagrado. Ninguém gosta de ser culpado. E para isso usa todos os meios possíveis para escapar, mas diante de Deus não há motivos para se esconder, pois Ele nos ama e a promessa que nos faz é do Seu perdão.

Uma das condições da confissão sacramental é dizer os pecados um a um ao sacerdote, não apenas um dizer externo, mas acusar-se diante dele e isso não seria possível sem um reconhecimento de nossas culpas, pois assim seria

uma mera narrativa de fatos e não pedido de perdão. Assim com o refletimos na figura de Caim, não podemos nos esconder e acusar os outros por nossos erros, mas encarar a nossa culpa e pedir perdão. “Quanto mais optamos por pecar, menos queremos falar dos nossos pecados”.

Porém, antes de seguir, precisamos dar mais algumas noções sobre pecado, a fim de que o leitor entenda o motivo, a necessidade e a obrigação de confessar. Anteriormente, explicamos a forma como diferenciar uma falta grave de uma falta leve, ou seja, um pecado mortal e um venial. Agora vamos alertar, que todo pecado tem uma dupla consequência, o chamado: “REATO”.

Devemos saber então que todo o pecado seja ele venial ou leve, seja mortal ou grave, tem sempre uma dupla consequência, isto é: Culpa e Dano! Este é o chamado “REATO”. A culpa é a causada perante Deus, por qualquer pecado cometido por nós e permanece até a confissão a um sacerdote, a absolvição e a penitência. O Dano é causado aos nossos irmãos, porque qualquer pecado cometido, tanto ofende a Deus, quanto afeta ou atinge a cada um de nós que somos o Corpo Místico de Cristo e vivemos em comum união. Como nada podemos fazer para Deus em si, que apague este dano, devemos saldá-lo junto a nossos irmãos. A perfeita justiça divina exige que ambos sejam satisfeitos – culpa e dano – para o bem da alma. Uma vez perdoado por Deus, Ele esquece nossa falta.

A culpa: É apagada somente pela confissão e a absolvição, feitas apenas por um sacerdote, que para isso recebeu do próprio Jesus o poder de perdoar pecados; (Jo 20,23) mais ou menos como se Deus dissesse: Para Mim filho, você não deve mais nada; vai e não tornes a pecar!(Jo 8,11) Deus sempre perdoa a todos os que a Ele recorrem contritos, humildes e profundamente arrependidos. Por isso, Ele diz: fora os hipócritas! Quer dizer, Deus não pode perdoar a quem a Ele deixa de recorrer, a quem não Lhe pede perdão através do seu sacerdote, até sob pena de Se contradizer, pois outorgou aos consagrados, aqui na terra, este poder. A mesma coisa seria, se o patrão desse uma ordem ao empregado e ele próprio agisse de outra forma, na frente dele. Por aí se pode ver que só os orgulhosos não pedem perdão a Deus.

O dano: Ora, sabemos que o pecado é a causa de todo o mal. Quer dizer, o pecado de cada um é fonte do mal que acontece a todos, pois se não houvesse nenhum pecado no mundo, não haveria mal nem maldade, nem dor e nem doença em pessoa alguma. Como consequência, mesmo depois de o pecado ter sido confessado ao sacerdote e, absolvido em nome de Deus quanto à culpa, resta ainda o dano a ser reparado. A Justiça Divina precisa então ser satisfeita, pela reparação completa do mal causado aos irmãos. E isso nem sempre se consegue apenas pelo cumprimento da penitência imposta pelo sacerdote, porque quase nunca ela é cumprida com devoção, nem há uma contrição verdadeira, nem um arrependimento profundo ou promessa radical de mudança.

Resta então, quase sempre, ainda um saldo de dano a ser reparado. A soma destes danos e a gravidade deles é que vai determinar o tipo de expiação exigida e a duração da pena do purgatório. Assim, se a pessoa não reza o suficiente em vida, para obter as “pedras” ou “graças” capazes de saldar aqui todas as suas dívidas, quando vai à eternidade precisa antes expiar essas faltas. Eis então que a espera o purgatório. Como ali, ela não pode rezar por si mesma, torna-se um “mendigo” de graças dos que rezam daqui por ela. Se as pessoas rezam por ela, vai ao céu mais rápido! Vê-se então que o purgatório, longe de ser um castigo, é um verdadeiro abismo da divina misericórdia.

Claro que os pecados veniais, ou leves, acarretam também, todos, determinadas penas. Nada escapa à perfeita justiça de Deus. Mas por serem leves, ou involuntários, não devemos nos acostumar a eles, pois são um caminho para o cometimento de faltas maiores e graves. De fato, um o acúmulo de pequenos defeitos, pode causar grande mal a uma alma. É também preciso que se os confesse ao padre, pois somente da confissão poderá lhe ser dada a justa penitência que o confessor aplicará.

A Forma:

“Deus, Pai de misericórdia, que, pela Morte e Ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda, pelo Ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Ritual Romano, Rito da Penitência).

Com essas palavras todos os nossos pecados são perdoados por Deus, mas não pelos méritos de quem as diz, mas em nome de quem as diz, ou seja, pela autoridade que Jesus deu à Sua Igreja. A Igreja foi fundada para que seja o Cristo na terra, isto é, para que opere na terra tudo que Cristo operava, já que Ele deveria ir para o Pai. Como dizia Santo Ambrósio de Milão: "O Senhor quer que seus discípulos tenham um poder imenso: quer que seus pobres servidores realizem em Seu nome tudo o que havia feito quando estava na terra" (Sobre a Penitência, 370 DC).

O Senhor desejou que as coisas que Ele realizava fossem agora realizadas por meio de Sua Igreja. Por isso Nosso Senhor primeiramente confere aos apóstolos o poder de batizar e autoridade de pregar o Evangelho, já que sem a fé Nele e sem o batismo ninguém pode se salvar (cf. Mt 16,15-16). Depois Nosso Redentor confere aos Apóstolos o poder de perdoar pecados: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, lhe serão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, lhes serão retidos" (Jo 20,22-23).

O desejo de Cristo de que o perdão dos pecados deva ser obtido através da Igreja é bem claro. É um grande erro crer que o pecado pode ser confessado

diretamente a Deus. Não foi este o desejo de Nosso Senhor. Da mesma forma que sem Cristo não há perdão, sem a Igreja também não há, já que ela é o Cristo na terra.

O Catecismo da Igreja Católica, quanto ao Sacramento da Confissão, diz que é fé antiga do Cristianismo. A Igreja Católica não modificou o Evangelho (como acusam os homens de má fé ou ignorantes da memória cristã), ao contrário ensina o Evangelho de sempre, assim como Cristo comunicou aos Apóstolos e estes nos deixaram através da Sagrada Tradição. Vimos que a própria Bíblia dá testemunho de que Cristo deu aos seus apóstolos o poder de perdoar pecados (cf. Jo, 20,22-23).

A Exigência do Rito da Confissão:

A confissão não é um mero rito, mas é muito exigente da parte de quem pretende se reconciliar com Deus e com a comunidade. Assim vemos desde o Antigo Testamento, onde as práticas penitenciais eram bastante complicadas e exigentes e ainda envolvia atos públicos. Vemos que não era simplesmente um exercício mental, mas que levava o penitente a uma mudança de atitude por meio de reparação, onde envolvia até mesmo um “prejuízo” financeiro, pois ele tinha que oferecer um sacrifício que deveria ser um dos animais do seu rebanho ou comprado em Jerusalém. Assim hoje devemos entender o Sacramento da Confissão como uma profunda renúncia também e nos dispormos a cumprir as penitências propostas pelo Sacerdote. Por isso, na Confissão, o Padre nos dá a penitência. Esta oração, ou a obra que o Padre nos manda fazer (jejum, esmola, sacrifício) serve para diminuir nossa pena temporal. Por isso, em vez de desejarmos penitências pequenas e rápidas, devemos nos alegrar quando o Padre nos pede algo que devemos fazer com algum esforço, pois estaremos diminuindo mais a nossa pena temporal.

A “Utilidade” da Confissão Frequente:

Ouçamos o que o Senhor revelou a Santa Brígida: “Quem desejar conservar o fervor, deverá purificar-se muitas vezes pela confissão e acusar-se frequentemente de suas faltas e negligências no serviço de Deus”. Pela confissão não se apagam as manchas do pecado, mas a alma adquire também novas forças para não recair mais neles. O doutor angélico diz que a confissão não só opera a destruição do pecado, mas também faz que ele não se repita.

Se as pessoas do mundo se envergonham de aparecer diante dos outros com suas vestes manchadas ou sujas, poderá causar-nos admiração ver almas que amam a Deus cuidar tão sollicitamente em purificar cada vez mais o coração para aparecerem mais agradáveis aos olhos de seu bem amado? Muitos santos

para alcançar uma grande pureza de consciência, praticavam confissão cotidiana, mas de nenhum modo, porém, queremos obrigar os que comungam cotidianamente a se confessarem antes de cada comunhão, contudo, muito bem procederão se se confessarem uma vez ao mês ou sempre que cometerem com consciência de ser mortal.

Confissão mal feita ou sacrílega:

Em muitos casos a confissão é defeituosa porque o penitente se envergonha de confessar com sinceridade os seus pecados. Algumas palavras, pois, sobre a falsa vergonha. Mais tarde confessarei meu pecado, dizes. Entretanto, queres ajuntar ainda o sacrilégio ao pecado cometido? E não sabes quão horrendo é o pecado do sacrilégio? Queres então transformar em veneno mortífero o remédio que Jesus te preparou no sacramento da penitência com Seu Sangue?

Que desgraça para uma alma calar, por uma falsa vergonha, qualquer pecado na confissão. O que deveria destruir os tristes efeitos do pecado, diz Santo Ambrósio, serve ao demônio para novos triunfos. Desde que cometeste um pecado, por que recusas confessá-lo, alma cristã? Eu me envergonho, dizes. “Ouve, desgraçada, exclama Santo Agostinho, pensas unicamente na vergonha e não pensas na condenação eterna que te espera se não te confessares?” e continua: “Que loucura, não te envergonha de ferir mortalmente tua alma e te envergonha de deixá-la examinar para que seja curada”

Pondera também, alma cristã, que, se não confessares teu pecado, nunca terás paz em tua vida. Ah Deus! Que tormentos não têm de suportar todo aquele que deixa o confessionário com a consciência carregada com um pecado mortal! Traz consigo continuamente uma víbora, que não cessa de lacerar seu coração. Se teve-se a desgraça de calar um pecado mortal por vergonha, recobra o ânimo e confessa-te o mais rápido possível. Não será então difícil ao confessor arrancar o espinho mortífero e por em ordem tua consciência. Que alegria sentirá então, vendo expulsa de teu coração essa víbora funesta.

Quantas infelizes almas, que se habituaram a calar um pecado, pensando em confessá-lo no leito de morte, viram escoar-se este último momento sem poder fazê-lo.

Castigados pelo prazer:

Agora podemos ver os estragos da concupiscência: a inteligência está obscurecida e não pode alimentar a vontade. Assim a vontade está cada vez mais debilitada. E, no fim, os desejos da carne chegam a ser desordenados porque a alma já não governa o corpo como deveria.

Agora compreendemos melhor o lamento de São Paulo: Ai de mim!

Para nós, o pecado começa com os nossos desejos desordenados. Começamos por ser tentados pelo anelo de alguma coisa que não possuímos. A nossa primeira obrigação é, pois, a de resistir à tentação, repelindo o desejo e afastando-nos da situação que nos perturba. Se falhamos nisso e pecamos, o nosso pecado torna-se mais grave, porque nos teremos colocados num perigo maior. Devemos arrepender-nos disso, confessá-lo e fazer penitência.

Mas que acontece se não nos arrependermos, se voltarmos a rondar os prazeres proibidos? Temos de enfrentar os castigos de Deus. E em que consiste esse castigo? Não no que seria de se esperar. Geralmente, Deus não castiga os pecados enviando um raio de um céu luminoso. O pior castigo que podemos receber é a atração que o pecado exerce sobre nós.

Quando as pessoas optam por um prazer proibido, o castigo consiste no próprio prazer que experimentam ilicitamente, porque depois de terem desfrutado dele, querem mais. Se Deus nos abandona aos nossos prazeres ilícitos, descobrimos que já não podemos resistir-lhes. Antes de o percebermos, estamos fisgados. Fazendo-nos dependentes, codependentes ou adictos.

Uma vez fisgados por um pecado, alteramos a ordem dos nossos valores. O mal converte-se no nosso “bem” mais premente, no nosso anelo mais intenso; o que é realmente bom aparece como um “mal” porque ameaça impedir-nos a satisfação dos nossos desejos ilícitos. Chegando a esse ponto, o arrependimento torna-se quase impossível: porque, sendo por definição uma rejeição do mal e um retorno ao bem, o pecador redefiniu por completo o bem e o mal. Desses pecadores disse Isaías: Ai dos que chamam bem ao mal, e mal ao bem! (Is 5, 20).

A concupiscência sem freio é o castigo de Deus para o pecador impenitente, e é um castigo adequado ao delito. Quando as pessoas persistem em optar pelos bens mais baixos, Deus acaba por suprimir-lhes as restrições. No primeiro capítulo da Epístola aos Romanos, São Paulo explica que Deus entregou (os pagãos) às apetências de seu coração, à imundície, (...) porque trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram as criaturas em vez do Criador (Rm 1, 24-25). Deus entregou-os a paixões vergonhosas (Rm 1, 26), entregou-os a sentimentos depravados (Rm 1, 28). Ao castigar as pessoas, Deus retira-lhes a liberdade e “abandona-as” à luxúria, às paixões e à conduta que elas mesmas escolheram. E quando as abandona, Ele que lhes deu a vida, podem estar de outro modo que não mortas?

Repito: o prazer de pecar é o primeiro castigo pelo pecado. Isto é uma surpresa para a maioria das pessoas. Pensamos no castigo divino como uma vendetta com que Deus ajusta as contas com o pecador. Mas o pior castigo temporal que Deus pode impor é o apego aos pecados livremente escolhidos.

Os bêbados, por exemplo, não começam como bêbados. Começam por embriagar-se uma vez, depois outra, depois outra. Quer dizer, se lhes apetece o

álcool e não moderam esse desejo, acabaram ébrios: e a bebedeira é o castigo pelo pecado de beberem imoderadamente. Chegados a este ponto, compreendemos que essas pessoas falharam no dever inicial de resistir à tentação. E, se em vez de se arrependerem, voltam a embebedar-se, sentirão na alma o peso desse bem ilícito que as arrastou para baixo, para longe de Deus.

Assim caminham as coisas quando temos a inteligência obscurecida e a vontade debilitada. Se Deus não intervir com um acidente de carro, o abandono pela família, a expulsão de casa, perda do emprego, é quase impossível que nos arrependamos. Diante de um desastre, o pecador geralmente pensa que Deus acordou e começou a castigá-lo. Mas esse castigo não é uma manifestação da cólera divina, e sim da misericórdia divina. Deus quer salvar o pecador de um destino pior e eterno.

O que consideramos castigo, como cólera, é na verdade uma série de lampejos de uma luz forte e inesperada que Deus envia para iluminar uma alma obscurecida pela concupiscência e pelo pecado.

Leitura Espiritual:

“Aqui tem grande e salutar purgatório o homem paciente que, recebendo injúrias, mais se dói da maldade de quem lhe ofende, do que da própria ofensa; que de boa vontade ora pelos seus inimigos, perdoando no íntimo do coração os agravos; que não tarda em pedir a outros o perdão; que mais facilmente se deixa levar á misericórdia do que á ira; que faz violência a si mesmo, esforçando-se por submeter a carne ao espírito.

Melhor é purgar agora os pecados e extirpar os vícios, que deixá-los para serem extirpados na outra vida. Por certo nós mesmos nos enganamos pelo amor desordenado que temos à carne.

Que outra coisa devorará aquele fogo, senão os teus pecados? Quanto mais te poupas agora e segues os apetites da carne, tanto mais severamente serás depois atormentado, fazendo maior reserva de combustível para te queimar. No que mais tiveres pecado, nisso mais severamente serás castigado.

Ali os preguiçosos serão incitados por agulhões ardentes, e os gulosos serão atormentados com sede e extrema fome.

Ali os impudicos (sem vergonha) e voluptuosos (sensuais) serão imersos em abrasado pez e fétido enxofre, e os invejosos uivarão como cães furiosos.

Não haverá nenhum vício que não tenha ali seu particular tormento. Os soberbos serão acabrunhados de toda a sorte de confusão e os avaros reduzidos á misérrima penúria.

Uma hora de suplício ali será mais insuportável que cem anos da mais rigorosa penitência aqui. Ali não há sossego nem consolação alguma para os

condenados, enquanto aqui, às vezes, cessam os trabalhos e somos aliviados por amigos.

Tem agora cuidado e dor dos teus pecados, para que, no dia do juízo, estejas seguro com os bem-aventurados. Porque então estarão os justos com grande confiança diante dos que os angustiaram e perseguiram.

Então se levantará para julgar aquele que agora se sujeita humildemente ao juízo dos homens. Então terá muita confiança o pobre e humilde; não assim o soberbo que de todos os lados estremecerá de pavor.

Então se verá como fora sábio neste mundo, quem aprendera a ser menosprezado e tido por louco, por amor de Jesus Cristo. Então dará prazer toda tribulação, sofrida com paciência, e a iniquidade será reduzida ao silêncio.

Os que foram dados à piedade, se encherão de alegria, e os irreligiosos, de tristeza. A carne então mais se regozijará de ter sido mortificada, do que se fora sempre nutrida em delícias.

Então resplandecerá a roupa vil e a vestimenta preciosa obumbrar-se-á. Então será mais exaltada a simples obediência do que toda a astúcia do século.

Então se alegrará mais a pura e boa consciência do que a filosofia dos sábios. Então se estimará mais o desprezo das riquezas, do que todos os tesouros dos ricos da terra. Então te consolarás mais de haver orado com devoção, do que haver comido com regalo. Então te aproveitarão mais as boas obras, do que as muitas e lindas palavras. Mais agradará então a vida austera e a rigorosa penitência, do que todas as delícias terrenas. Aprende agora a sofrer um pouco, para que possas livrar-te de coisas mais penosas. Experimenta, primeiramente aqui, o que poderás no outro mundo. Se agora tão pouco quiser padecer, como poderás suportar tormentos eternos? Se agora o menor incômodo te torna tão impaciente, que fará então o inferno?

Todavia, se não te desvias do mal pelo amor, convém ao menos que o faças pelo temor do inferno. Porém, aquele que despreza o temor de Deus, não poderá perseverar no bem, antes cairá muito depressa nos laços do demônio. Preferível é, pois, ter todo o mundo por inimigo que ofender a Jesus.” (Imitação de Cristo I, 22, 24; II, 8; III, 20)

Ato de Contrição:

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes Vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, e porque vos amo e estimo, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração de vos Ter ofendido; pesa-me também de ter perdido o céu e merecido o inferno; e proponho firmemente, ajudado com os auxílios de vossa divina graça, emendar-me e nunca mais vos tornar a ofender. Espero alcançar o perdão de minhas culpas pela vossa infinita misericórdia. Amem.



www.ocaminho.org.br